



**Universidade de Brasília – UnB  
Decanato de Ensino de Graduação  
Universidade Aberta do Brasil – UAB  
Instituto de Artes – IDA  
Departamento de Música  
Curso de Licenciatura em Música a Distância**

# **MÚSICA E RELIGIÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

**JOSÉ EVERALDO DA SILVA**

**Rio Branco - AC, dezembro de 2012**

# **MÚSICA E RELIGIÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

**JOSÉ EVERALDO DA SILVA**

Monografia de Conclusão de Curso  
apresentada ao Curso de Licenciatura em  
Música a Distância da Universidade de  
Brasília.

**Orientador: Dr. Hugo Leonardo Ribeiro**

**Rio Branco - AC, dezembro de 2012**

# **MÚSICA E RELIGIÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

**JOSÉ EVERALDO DA SILVA**

**Rio Branco - AC, dezembro de 2012**

**Banca Examinadora:**

---

Prof (a) Dr. Hugo Leonardo Ribeiro  
Departamento de Música da UnB  
Professor (a) Orientador (a)

---

Prof (a) Paulo Roberto Affonso Marins  
Departamento de Música da UnB  
Banca Examinadora

## RESUMO

Este artigo consiste em um relato de experiências vividas com dois alunos evangélicos das turmas de 9º Ano de uma escola de ensino regular acriana que demonstram grande rejeição por músicas seculares. As experiências foram colhidas durante o desenvolvimento do Projeto Final de Curso que tinha por objetivo ampliar as preferências musicais dos alunos, incentivando a formação de plateia. Para atingirmos estes objetivos, foram realizadas oficinas pedagógico/musicais e um Recital Didático. Este projeto baseou-se na diversidade musical brasileira e foi durante as oficinas que percebi a pluralidade de contextos culturais que existem nas salas de aulas. Como metodologia utilizou-se a Pesquisa ação e, para a coleta de dados foram utilizados questionários administrados que permitiram a análise da vivência musical dos alunos. Após o recital, foi realizada entrevista não estruturada com os adolescentes evangélicos das Igrejas Assembleia de Deus e Quadrangular, onde concluiu-se que os alunos compreenderam que tocar e/ou cantar músicas populares que fazem parte da diversidade musical brasileira não compromete sua fé ou ideologia cristã.

**Palavras-chave:** Preferências musicais, rejeição, pluralidade cultural, ideologia cristã.

## ABSTRACT

This article consists of an account of experiences with two classes of students evangelicals 9th Year in a mainstream school acriana who show great rejection by secular songs. The experiments were collected during the development of Final Course Project which aimed to expand the musical preferences of the students, encouraging the formation of audience. To achieve these goals, pedagogical workshops were held / musical and a Didactic Recital. This project was based on the diversity of Brazilian music and workshops Durante was realized that the plurality of cultural contexts that exist in classrooms. The methodology used to search and action for data collection administered questionnaires were used that allowed the analysis of students' musical experience. After the recital, unstructured interview was conducted with adolescents Evangelical Churches Assembly of God and Foursquare, where it was concluded that students understand that playing and / or singing popular songs that are part of the Brazilian musical diversity does not compromise their faith or ideology Christian.

**Keywords:** musical preferences, rejection, cultural plurality, Christian ideology.

# 1. INTRODUÇÃO

Ao final do primeiro semestre de 2012 os acadêmicos do Curso de Licenciatura em Música (UAB – UNB), do polo de Rio Branco, Acre, elaboraram o projeto “Musicalidade e Cultura Brasileira: um estudo sobre o processo de formação de plateia em música”. Com esse objetivo em vistas, o projeto previu atividades que proporcionaram a nós, acadêmicos, conhecer os gostos musicais dos alunos, sua realidade musical e cultural, como eles escutam música e as funções e significados que essas músicas têm para eles.

Durante a realização do projeto, no segundo semestre de 2012, ao analisarmos a realidade escolar de Rio Branco, percebemos uma variedade musical muito ampla, no tocante a escuta e gosto dos alunos. Baseados nesta análise, desenvolvemos os objetivos e metas de pesquisa, fundamentadas pela problematização acerca do que queríamos investigar.

Após a administração do questionário de vivência musical, constatamos que, dos 72 alunos na faixa etária entre 13 e 16 anos, 62% têm preferência pelo estilo gospel. Isto despertou minha atenção para o fato de existir, no ambiente escolar, variados contextos socioculturais e religiosos. Obtive essa informação quando conversei com a professora de Artes das turmas, de maneira informal e, esta me relatou que nas turmas temos católicos e evangélicos de várias doutrinas ou igrejas. Uma vez que, ao desenvolvermos o programa, em acordo com Swanwick, um dos preceitos básicos era o de valorizarmos as músicas que os alunos apreciam e oferecermos a oportunidade de ampliação do repertório musical (GONZAGA, 2008), essa situação me fez refletir sobre como lidar com as diferenças atingindo a todo o público discente sem desrespeitar o credo religioso dos alunos.

Este artigo tem a intenção de discutir essa relação entre música e religião, relacionando as respostas encontradas às experiências vivenciadas pelos dois alunos durante o projeto. O artigo intenciona, ainda, analisar como determinados preceitos religiosos acabam por influenciar na socialização e participação dos jovens estudantes nas atividades musicais dentro de um

ambiente multicultural. A música e a religião interagem e se confundem quando caminham juntas, interligadas. O ser humano não foi idealizado, nem construído composto de partes isoladas. Portanto, lidar com a diversidade sociocultural, musical e religiosa no contexto escolar, onde desenvolvemos nosso projeto final de curso, foi a oportunidade de nos depararmos com o citado multiculturalismo tão comum na escola contemporânea.

## **2. MÚSICA E RELIGIÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Durante o desenvolvimento da disciplina Estágio Supervisionado 3 na Escola Marieta Fagundes de Saboia, deparamo-nos com alunos evangélicos que gostavam da música gospel e aceitavam outros estilos musicais, bem como com alunos que tinham rejeição pela música “do mundo” por só se permitirem ouvir músicas “evangélicas”. No ensejo, conheci dois alunos, aos quais darei os pseudônimos de Emanuel Carlos e Daniel Silva que compartilham dessa realidade citada acima. Observando esses dois discentes, senti curiosidade em conhecer de perto e relatar sobre suas realidades musicais e quais significados as músicas que ouvem e tocam apresentam para eles.

Queiroz (2004, p. 106) menciona que os diferentes mundos musicais e os diversos meios de transmissão musical em cada realidade social nos possibilitam perceber o quanto a educação musical se encontra em uma pluralidade de contextos que têm variados significados e simbologia. Queiroz afirma ainda que, para conseguirmos lidar com esta pluralidade, temos que adotar estratégias plurais pensando em um diálogo entre educação musical e cultura. Na sala de aula, se manifestam muitos aspectos pautados nas diferenças culturais, que se sobressaem e se sobrepõem em todas as áreas e nos conteúdos trabalhados. Nesse sentido, a pluralidade na sala de aula, independente do componente curricular trabalhado, abrange fatores econômicos, sexuais, étnico, religioso, artísticos, entre outros.

No Brasil, a legislação educacional menciona conceitos comumente associados ao termo diversidade já no artigo 3º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei n. 9394, (BRASIL, 1996). O “pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas” e o “respeito à liberdade e apreço à tolerância” integram os princípios base do ensino, nas alíneas III e IV, da referida lei.

Embora a pluralidade cultural seja comum a todas as disciplinas curriculares do Ensino Fundamental, no volume que trata sobre o ensino de Arte é salientada a importância dessa área em trabalhar com essa temática, pois “na sala de aula interrelacionam-se indivíduos de diferentes culturas que podem ser identificados pela etnia, gênero, idade, localização geográfica, classe social, ocupação, educação, religião” (BRASIL, 1998, p. 41). Foi o que identifiquei durante as oficinas sobre música ministradas nas turmas do 9º Ano, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Marieta Fagundes de Saboia, em Rio Branco – AC.

Segundo o parecer do CNE (BRASIL, 2001, p. 9): “reforça-se, também, a concepção de professor como profissional do ensino que tem como principal tarefa cuidar da aprendizagem dos alunos, respeitando a sua diversidade pessoal, social e cultural”. Partindo dessa teoria, criamos um repertório eclético, para oportunizar ao aluno, o contato com músicas de outros estilos, a fim de ampliar seu repertório musical, porém, não deixando de contemplar sua música, valorizando o seu ambiente sociocultural e o meio em que ele está inserido cotidianamente.

Conforme Kadlubitski e Junqueira (2010 p. 3), as religiões fazem parte da cultura humana, e, portanto, cada religião é peculiar, por expressar diferentes linguagens, diferentes formas de acreditar, de celebrar, de rezar, e de relacionar-se com alteridade e de simbolizar de formas diferentes esses fenômenos religiosos vivenciados pelos membros de cada cultura. Segundo Laraia (2007, p. 25) cultura “é todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Fala-se muito na diversidade cultural brasileira, mas algumas vezes esquece-se que essa diversidade também engloba os aspectos musical e religioso. Essa diversidade



a que me refiro está exposta claramente no ambiente escolar. E, no contexto escolar onde desenvolvi o projeto final de curso, não foi diferente.

Dessa forma, concordo com Corrêa<sup>1</sup> (2008, p. 149 apud KADLUBITSKI E JUNQUEIRA, 2010) quando ele menciona que “a religiosidade é uma das características mais marcantes do povo brasileiro”. É através desta religiosidade que se manifestam o modo de ser de muitos povos e comunidades que formam a sociedade brasileira. Corrêa afirma, ainda, que a religiosidade se manifesta a partir de múltiplas maneiras como decorrência de um lado das diferentes religiões praticadas na sociedade brasileira. E, de outro lado, como parte do modo de ser de muitos indivíduos que ainda não professam uma religião em especial.

Em nossas oficinas conheci o adolescente Daniel Silva, evangélico, adepto da Igreja Quadrangular, que fazia opção por tocar e cantar somente músicas do estilo gospel. Quando desenvolvi a disciplina de Estágio Supervisionado 3 na referida escola, no semestre 2012.1, Daniel participou ativamente das atividades musicais desenvolvidas ao longo do projeto, no entanto, se negou a tomar parte das tarefas que continham músicas “do mundo” ou músicas seculares. Justificou o aluno, que, conforme sua convicção religiosa, “não se serve a dois senhores”. Se tocasse músicas mundanas desagradaria a “seu Deus”. Surpreendentemente, no semestre 2012.2, reencontrei Daniel Silva nas turmas que fariam as oficinas pedagógico/musicais preparatórias para o recital didático. Iniciamos os trabalhos com a música folclórica “Baião de ninar” em forma de cânone. Àquele instante inicial, precisamos de um acompanhamento harmônico ao teclado. O próprio aluno Daniel se ofereceu para tocar a música em companhia do colega Emanuel Carlos que tocava a zabumba. Importante enfatizar que Daniel tocou não somente nas oficinas como também no recital. Entretanto, da mesma forma que o pesquisador Eduardo Luedy, percebi seu conflito ao perceber seu “desconforto [do aluno] perante o risco de ter que tocar algo que venha a representar um comprometimento religioso não desejado” (LUEDY, 1998).

---

1 CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Cultura e Diversidade. Curitiba: Ibepex, 2008.

### 3. ACEITAÇÃO VERSUS REJEIÇÃO

#### 3.1 Daniel Silva

Canen<sup>2</sup> (1998 apud LUEDY, 1998: 49) ressalta que a pesquisa e a educação em música não podem encontrar-se desvinculadas do fato de que vivemos num mundo multicultural. Para uma boa prática pedagógico/musical devemos levar em conta a existência de uma noção de identidade fixa, seja a de classe, gênero, etnia, raça, padrões culturais e nacionalidade. Todos esses fatores devem ser considerados nas práticas pedagógicas e curriculares voltadas à construção de uma sociedade democrática, e ao desenvolvimento da cidadania crítica e participativa. Então, quando compreendemos essa pluralidade cultural acrescida da diversidade social, aprendemos a respeitar as diferenças e aceitá-las como desafio para melhorar a qualidade da educação dos dias de hoje.

Esse aspecto da aceitação versus rejeição está claramente presente na narrativa de Daniel Silva. Quando conversamos informalmente, numa entrevista não estruturada, realizada no dia 22/10/2012, por diversas vezes, em seu discurso, Daniel Silva reforça sua convicção cristã e sempre esclarece que sua opinião não tem interferência ou influência de outras pessoas.

É como eu tava falando pra ti... quando eu entrei na igreja de verdade, é pra servir de corpo e alma. Naquele dia eu abri uma exceção para o “Baião de ninar” porque eu vi que é uma música bonita, é antiga... do tempo passado, folclore, da nossa cultura... o Baião de ninar eu gostei muito dela... mas, eu tenho muito essa opção, porque esse é meu ponto de vista... a minha igreja não proíbe nada. Sou eu que aprendo na bíblia que eu tenho que ter essa convicção, de servir a um “Deus Vivo”. E, com certeza, ele não se agrada eu tocando outras músicas... é meu ponto de vista”. Eu sigo a citação da bíblia de 1João, capítulo 2, versículo 15, que diz: “Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do

---

2 CANEN, Ana. 1998. *Relação multicultural, identidade nacional e pluralidade cultural: Tensões e Implicações Curriculares*. Mimeo (trabalho apresentado na 21ª Reunião Anual da ANPED, em Caxambu, Minas Gerais).

Pai não está nele”. Então, é minha opinião. Deus, através de Jesus, não se mistura com o que é do mundo. Então, se eu sou um cristão e sirvo a um Deus vivo, eu não me misturo com o que é do mundo, né. Por isso que eu não gosto de tocar essas músicas.

Daniel justifica com veemência sua opção religiosa e explica que o fato de ter aceitado tocar a música de domínio público, deu-se apenas, pelo fato de esta ser uma música folclórica, antiga e fazer parte da nossa cultura. Em outro depoimento, Daniel explica o porquê de não tocar outras músicas nas atividades desenvolvidas nas oficinas:

Na escola vocês me aceitaram do jeito que eu sou, né? Não brigaram comigo, não me trataram de outro jeito porque eu não estava tocando outras músicas, mas é porque não posso servir a dois senhores porque ou eu vou agradar a um ou vou desagradar a outro ou vice e versa.

No momento em que Daniel mencionou a rejeição pela música “do mundo”, criou um muro que separa dele a oportunidade de ter acesso a outras possibilidades do fazer musical. Quando o professor conhece a realidade sociocultural e musical do aluno se torna mais atento à questões que envolvem opções religiosas, dogmas, crenças, simbologias e rituais. Dessa forma, torna-se mais fácil desmitificar as tensões que são criadas no instante da rejeição musical. Surge, de pronto, espaço para o diálogo onde se propõe ideias e até a possibilidade de se trabalhar outros repertórios, inclusive outros gêneros musicais.

Para melhor entender esta relação do adolescente com a música, perguntei em quais aspectos musicais o aluno sentia essa rejeição pela música mundana: ritmo, melodia, letra... e o aluno me deu a seguinte resposta:

É outros tipos de músicas que fogem da igreja... do gospel... mais pela letra. É pela música que prega o contrário do que prega o evangelho. É pelas músicas opostas àquilo que a minha igreja prega. Essa músicas que a gente tocou no recital, eu gostei delas porque elas são letras bonitas que tocam... são músicas folclóricas, do Luiz Gonzaga e volta toda a nossa cultura, porque nossa cultura é isso... nossa história passada. Mas essas músicas evangélicas – forró, isso não tem problema. Eu só tenho essa opção de tocar música evangélica, ou seja, pode ser o que for, sendo evangélica. [...]

Quando eu tô fazendo as coisas eu gosto muito, de ouvir música no computador, som, eu gosto de ouvir todos os ritmos. Agora surgiu uma nova banda que tá fazendo um pouco de sucesso, e que toca forró. E eu gosto dela que é Som e louvor. E eu gosto dela... aí a gente vai tocar na igreja também porque a nossa igreja também não tem esse negócio de só tocar aquelas músicas. Pode ser forró, pode ser agitada, pode ser rearranjo, pode ser tudo. A música, a gente quase nunca toca como no original, como tem no CD, sempre a gente muda, a gente toca do nosso jeito, é a gente que cria. A gente toca na mesma letra, mas a gente toca uma vez aqui, duas ali, a gente vai trocando (...)

Quando ouvi esta opinião de Daniel, pude perceber o quanto o mundo gospel se apropriou das coisas tidas como “do mundo ou “mundanas”. Aquilo que antes era “proibido” agora torna-se parte integrante dos ritos, rituais e cultos evangélicos. É legal, permitido. Segundo Reck (2011), embora a maioria das denominações evangélicas admitam hoje o uso de ritmos populares em seus cultos, ainda pode-se perceber em alguns casos certas restrições. No universo complexo da sala de aula essas diferentes posturas poderão entrar em choque, seja na não aceitação do aluno evangélico ao repertório popular, seja na situação inversa, da não aceitação de um repertório exclusivamente evangélico por parte de alunos de outras crenças e religiões. Esta afirmativa é uma realidade dentro das escolas de ensino regular. Por isso, considero as palavras de Luiz Ricardo Queiroz (2004) que ressalta que para um contexto plural temos de pensar em estratégias plurais. Queiroz também nos lembra que,

O educador musical, para compreender seu campo de estudos e para atuar como professor de música na contemporaneidade, precisa estar atento à complexidade de questões que permeiam a música artística, social e culturalmente. Consequentemente, deve ser capaz de trilhar e de (re)definir caminhos epistêmicos e metodológicos (inter)agindo, de forma contextualizada, com a dinâmica que diferentes culturas estabelecem para estruturar, valorar e transmitir seus conhecimentos musicais. (QUEIROZ 2006, p. 114)

Quando me propus a escrever este relato de experiência, lembrei-me das situações complexas que vivenciei com ambos os alunos, e do necessário “jogo de cintura” para conseguir fazê-los participar das atividades musicais sem

desrespeitar suas crenças religiosas. Vivemos situações similares na disciplina de Estágio Supervisionado em Música 3, no semestre anterior. Na última semana de estágio, os alunos deveriam tocar e cantar uma música sugerida pelo grupo de estagiários. A música escolhida fora “Ai, se eu te pego”, de Michel Teló. O aluno Daniel Silva se negou veementemente a tocar e, junto a ele, um grupinho de alunos e alunas evangélicas que sentiam rejeição por aquela música. Para não perder esse aluno e o grupo de alunos evangélicos que tinham a mesma opinião, aceitamos que eles, então escolhessem uma música gospel que lhes agradasse. Para a nossa surpresa, eles escolheram uma canção gospel e fizeram um rearranjo em ritmo de rock. A música foi executada com muita satisfação pelos alunos que formavam o grupo.

### **3.1 Emanuel Carlos**

O segundo adolescente, Emanuel Carlos, é adepto da Igreja evangélica Assembleia de Deus que, conforme os alunos Emanuel e Daniel, é rígida em sua doutrina e pouco permissiva em termos de liberdade musical. Lembro que o outro adolescente, Daniel Silva, é frequentador assíduo da Igreja Quadrangular, que possui um dogma mais liberal e, conforme o próprio Daniel, não cobra, não repreende e não limita a busca pelo aprendizado e saberes musicais.

Durante as oficinas e o Recital, o aluno Emanuel Carlos que é baterista, fez questão de participar de todas as atividades musicais tocando bateria, zabumba, triângulo, egg shack, experimentando outros sons e instrumentos inseridos em todas as músicas do repertório, fossem elas puras ou profanas. Em um dos ensaios, durante minha observação, questionei ao aluno, esta “liberdade ou independência” que ele demonstrava em comparação ao colega Daniel Silva. O aluno me respondeu que tinha muita vontade de aprender a tocar diversos instrumentos, tocar variadas músicas e estilos e, futuramente, se profissionalizar como músico. Sua intenção não era se fechar apenas para a música gospel que limita seu aprendizado musical. Emanuel falou ainda do incentivo dado pela mãe que sempre lhe dizia (segundo ele):

“Meu filho, vá! Se lhe chamarem, vá! Vá aprender tudo o que você tiver oportunidade para que você possa crescer, se profissionalizar e ser um músico de futuro”.

E assim Emanuel o fez. Esteve presente em todos os ensaios, tocou, experimentou novos instrumentos, criou, recebeu dicas dos meus colegas sobre ritmos, conheceu novos conceitos sobre os gêneros que seriam apresentados no recital e me parecia satisfeito com os conhecimentos adquiridos. No recital, Emanuel foi aclamado pelos colegas de turma que o assistiam. Ao final, este adolescente de 14 anos mostrou que tinha potencial de um grande músico com a mente e o espírito abertos às novidades musicais vigentes na contemporaneidade.

Então, quando propus aos dois alunos uma conversa descontraída para que eu pudesse conhecer um pouco mais acerca das concepções que cada um tem sobre as formas de aprendermos música e sobre o paradoxo da aceitação e/ou rejeição da música secular em aulas de música nos contextos escolares mesclados de alunos de diversas culturas e credos, esperava poder contrastar as opiniões como pude perceber sempre, ao longo de toda a pesquisa. Mas não foi este o resultado que obtive.

Na presença do colega Daniel Silva, Emanuel Carlos desvirtuou toda a sua opinião anterior. Todo o repertório de palavras utilizado anteriormente, no tocante à liberdade musical e à vontade de aprender e se profissionalizar, foi desmentida com frases do tipo: “...só toco músicas gospel, mas abri uma exceção pra vocês...”. Emanuel justificara a liberdade musical dessa forma:

Eu sou da Assembleia de Deus, e lá nós podemos tocar qualquer ritmo – forró, rock, agitado, mas, como sempre minha mãe diz, se você escolhe um caminho certo, você tem que seguir. Mas se você for por outro caminho é treva na certa. Eu gostei das músicas do recital, gostei do Baião de ninar [...] eu não posso tocar todas as músicas porque eu sirvo a Deus também, mas eu só toquei porque eu vi que ia ajudar vocês porque não tinha outro baterista, né, e eu resolvi ajudar vocês. Mas eu não posso tocar qualquer um tipo de música, eu tenho que tocar o que a minha igreja pede. Eu conversei com a mãe, perguntei se eu podia tocar, ela falou que sim, mas um porém: você depois se consertasse com Deus. Porque se eu for servir dois deuses não dá certo. Eu tenho que servir aquele que me

salvou, curou e libertou. Aquele que entregou a sua vida na cruz por nós. Por isso que a minha opção é tocar música evangélica.

Quando ouvi essas palavras de Emanuel, minha mente se encheu de dúvidas. Não sabia se naquela situação Emanuel se sentiu intimidado por Daniel, se realmente, ele possuía aquela opinião antes e a omitira de mim, quando lhe questionei durante as oficinas, ou se ele havia adquirido algum problema em casa, junto à família por conta de seu credo religioso. Não sabia se àquele momento a aceitação se dissolvia para dar lugar à rejeição ou se a rejeição se sobrepunha à aceitação. Sobre tocar as “músicas do mundo”, Emanuel reiterou ainda:

Se eu fosse tocar música pro mundo a minha vida seria totalmente outra coisa, porque o meu ministro de louvor ele já foi... ele é um profissional da música. Ele toca teclado, violão, bateria, sanfona, baixo e ele disse que quando ele ia pra essas festas acontecia briga, desentendimentos com dinheiro quando ele ia receber o cachê. Ele disse: ó, se você sair da igreja, você pode ver que sua vida lá no mundo vai ser a pior que tem. Falei não, porque o senhor que eu sirvo está comigo e ele não vai deixar eu vacilar o pé no mundo.

Daniel Silva interrompeu a fala de Emanuel e reiterou:

Eu fiquei meio assim com o Emanuel, mas depois conversei com ele, né, porque eu achava que a igreja dele seria mais rígida que a minha porque a gente sabe que porta de igreja não salva ninguém, quem salva é Jesus, mas cada igreja tem sua doutrina, né. Tem uma igreja que a doutrina é mais pesada do que a outra, a outra não. Tem a igreja que é muito liberal, pode ficar à vontade, a outra já é bem forte já bem rígida, né, e tem essa diferença. Mas a gente sabe que quando Jesus voltar ele vai vir pegar só uma igreja, né. Sem ruga, sem mácula, né... e é isso.

Observei e constatei que durante as conversas, o aluno Emanuel manteve-se tenso, não me olhou nos olhos, não levantava a cabeça para me dar as respostas de forma mais clara. Batia na mesa com força e mudava o timbre de voz quando queria fazer valer o que estava relatando, afirmando. Ao passo que Daniel manteve-se calmo, convicto, firme em sua conduta durante todo o período em que passamos juntos àquela manhã. Embora tenha ficado

intrigado e descontente com o comportamento de Emanuel, respeitei e aceitei sua condição, posto que, não estava ali para fazer julgamento de valor de ninguém, muito menos dos dois adolescentes com os quais realizei esta pesquisa.

Para esses adolescentes, a oportunidade de participar das oficinas e do recital como artistas do evento musical lhes proporcionou, além do aprendizado colhido, um momento de glamour, reconhecimento. Os alunos se sentiram valorizados quando aplaudidos pelos colegas e convidados presentes, no auditório da escola. Este reconhecimento vem seguido de um estímulo pela busca do crescimento musical mesmo que limitado aos dogmas cristãos e às imposições das doutrinas das igrejas Assembleia de Deus e Quadrangular, afinal, esta é a vivência social e musical desses adolescentes. Percebi aí, uma questão paradoxal que confunde a fidelidade aos preceitos do credo religioso e a valorização dos conhecimentos e habilidades musicais que estes alunos possuem. Tocar diante dos colegas e receber aplausos e reconhecimento proporcionou aos adolescentes uma elevação em seus brios. Emanuel Carlos e Daniel Silva demonstraram serem detentores de um conhecimento diferenciado dos demais colegas, o que nos remete à criação de uma relação de poder como cita Foucault<sup>3</sup> (1995 apud MARQUES 2006:6): “uma relação de poder é a ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação.” E esta relação de poder reflete um tratamento diferenciado e oportunidades únicas como as que estes dois alunos tiveram.

#### **4. Conclusão**

Queiroz (2010), em seu artigo sobre a “Educação musical e etnomusicologia”, afirma que a complexidade que permeia a transmissão de saberes culturais, entre os quais os saberes relacionados à música, tem nos levado a buscar alternativas cada vez mais abrangentes para a compreensão

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUSS, H. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.



desse fenômeno em diferentes áreas do conhecimento. Reconheço que esta afirmativa se faz cada vez mais forte e incontestável quando me deparo com situações como esta em que temos um contexto escolar que vive a diversidade cultural e a multiplicidade musical. Se não conseguirmos compreender esses paradoxos através da música, temos que usar de estratégias mais abrangentes e compreender através da psicologia, da antropologia e até da etnomusicologia, quem sabe.

A grande verdade nisso tudo é que além de professores devemos também ser incentivadores de uma cultura sem os vícios do fundamentalismo, do preconceito e do autoritarismo religioso que ainda é tão presente nas igrejas, famílias e comunidades. Cabe a nós professores e/ou educadores musicais a missão de estreitar os vínculos entre as múltiplas concepções religiosas, culturais, regionais ou de identidade social no contexto escolar.

Em minha opinião, tais conflitos ainda ocorrem com frequência porque a igreja acaba criando alguns estigmas sobre tocar ou não tocar, ouvir ou não ouvir músicas seculares. Acredito que as igrejas evangélicas, de acordo com suas doutrinas, têm dificuldade com a expressão artística e algumas transformações culturais. Exponho esta opinião porque percebo que algumas igrejas não demonstram nenhuma preocupação em relação às tecnologias, e o acesso a que todo adepto, seja ele adulto ou adolescente, têm a elas. Não é o caso das duas igrejas citadas neste artigo, é claro.

Os dois alunos com os quais trabalhei diretamente, têm computadores com acesso à internet, celulares de tecnologia avançada, estudam música informalmente baixando clipes de vídeo, cifras de músicas encontradas nos sites disponíveis na internet. É comum que todo cidadão tenha em sua casa aparelhos telefônicos, televisão, aparelhos celulares, DVD, Mp3, Mp4, e outros. A isso também chamamos de expressão cultural. Entretanto, quando a rejeição é relacionada à arte, seja de cunho musical, teatral, dentre outros, há uma dificuldade histórica de aceitação que vem desde os primórdios. Desde a época de Martinho Lutero e João Calvino.

Os calvinistas eram contra a ciência, a arte e a literatura (BEREIANO, 2012), pois, naquela época, inibia-se tudo o que proporcionava prazer. Ou seja,

pensava-se as artes e ciências em geral, como algo mundano que afastava as pessoas de Deus e das igrejas. E todas as pessoas que se opunham a este pensamento eram reduzidas ao silêncio, mediante duras punições. Felizmente, vejo que hoje esse paradigma está sendo quebrado. Algumas igrejas evangélicas se mostram capazes de entender que as expressões artísticas, científicas e de literatura podem ser absorvidas e vivenciadas pelos adeptos sem que estas causem nenhum prejuízo à fé ou manifestação cristã. Afirmo esta máxima porque presencio aqui, em Rio Branco, em diversas igrejas, o uso do teatro e da dança nos cultos religiosos.

Na nossa vida, no nosso dia a dia, vejo que separar expressão artística ou popular de religião se torna cada vez mais difícil. Um evangélico ou instituição dita “evangélica” que afirma não ouvir e/ou tocar música secular [do mundo] se contradiz. Um bom exemplo disto é a música “Parabéns pra você”, de domínio público. Esta é uma música secular, não é ligada a qualquer religião, não é uma música religiosa, nem gospel e todos cantam nas festividades de felicitações, jubileus, bodas ou aniversários. Um outro bom exemplo é a “Marcha nupcial” que está nos casamentos religiosos de todo e qualquer dogma cristão. Esta Marcha também é música secular, “mundana”. Acredito que este pensamento surge e ganha força neste meio religioso do credo evangélico por falta de orientação e/ou informação dos representantes das várias denominações religiosas cristãs do Brasil.

Ao iniciar esta pesquisa empírica no semestre passado, 2012.1, elenquei, junto aos colegas de curso, objetivos que almejávamos alcançar no decorrer do desenvolvimento do projeto de pesquisa e percebo que todos, sem exceção, foram atingidos com muito êxito. Através dos 03 questionários administrados, conhecemos um pouco da vivência cultural e musical dos alunos, então nos preocupamos em elaborar atividades e um material didático que estimulasse os alunos a ampliar suas preferências musicais incentivando a formação de plateia. Identificamos e valorizamos as preferências musicais dos alunos, considerando os espaços onde ouvem e conhecem música, como e por quê, bem como oferecemos aos alunos a oportunidade de acesso a outros gêneros musicais. A maior prova desse objetivo alcançado está nas conclusões dos dois alunos que me serviram como objetos de pesquisa.

Ampliamos as preferências musicais dos alunos no contexto escolar e ainda incentivamos os alunos para uma escuta ativa, reflexiva. Com as estratégias pedagógico/musicais desenvolvidas nas oficinas e no Recital Didático, acreditamos que os nossos alunos não serão mais os mesmos ouvintes passivos de antes. Todas as vezes que escutarem músicas, irão analisá-las à sua maneira, fazer comparações, procurar semelhanças de ritmos com outros gêneros, identificar os materiais sonoros e as dimensões de resposta à música, como, o caráter expressivo e as relações estruturais e conceituais (GROSSI, 2000).

Estou certo de que atingimos a todos os alunos, independente de sua opção ou credo religioso. Quando me referi às mudanças ocorridas na forma de “escutar” música, no aluno, também me refiro aos dois adolescentes com os quais vivenciei as experiências cujos resultados relato neste artigo.

Acredito que a participação do aluno Daniel Silva nas atividades musicais não-cristãs, em minha concepção, se deve ao respeito que lhe foi dado perante sua opção religiosa e os critérios de amor a Deus, que ele prega sem receios ou subterfúgios. Sendo sua religião cristã de caráter extremamente conservador, pois o mesmo é adepto da Igreja Quadrangular, Daniel Silva viu-se em um conflito religioso/cultural, mas soube compreender que tocar e/ou cantar músicas populares que fazem parte da diversidade musical brasileira não compromete sua fé. Do contrário, o capacita, ainda mais para os desafios que a música possa lhe oferecer ao longo da carreira musical.

Quanto ao aluno Emanuel Carlos, considero que fiquei surpreso com sua mudança repentina e inesperada de opinião. Em nome do respeito adquirido pelo seu trabalho e habilidades musicais e percussivas durante o período em que trabalhamos juntos, concluo que algo aconteceu antes ou durante nosso último encontro, o que fez o adolescente se sentir intimidado ou impossibilitado de fornecer as respostas de que eu, baseado em minha vivência anterior com ele, esperava que ele falaria. Mas tenho certeza de que, de forma direta ou mesmo indireta, o projeto realizado nessa escola contribuiu para fazê-los refletir sobre suas escolhas e práticas musicais, proporcionando-lhes acesso a outros gêneros e estilos, bem como, a outros instrumentos musicais percussivos, de sopro e de corda durante os ensaios em que estes

adolescentes estiveram presentes. E posso dizer, com maior convicção, que as contribuições deste aluno em nosso evento musical proporcionou mais alegria e calor humano ao projeto desenvolvido por mim e meus colegas licenciandos.

Busquei, através da escrita deste artigo, descrever relativamente a experiência que vivenciei, de perto, com os dois alunos cujos os pseudônimos são: Emanuel Carlos e Daniel Silva. Porém, minha real intenção não é mostrar a verdade da qual todos já são conhecedores porque esta se expõe claramente: a ideia de que o Brasil está povoado da diversidade cultural, musical e religiosa. Minha intenção é demonstrar que essa diversidade atravessa os vieses da educação musical e nós, como professores ou educadores musicais devemos está sempre preparados a tomar parte na propagação da cultura da paz. Que, “respeitar a opinião alheia, a liberdade de expressão, a liberdade de escolha religiosa de nossos alunos, seja um de nossos objetivos”. Que possamos estreitar os vínculos culturais, sociais, musicais e religiosos que existem entre as diversas denominações da fé cristã presentes em nossas escolas. Nossas escolas merecem ser edificadas tendo por base uma democracia articulada que considere o Brasil como um país laico, onde todos tenham igualdade de direitos e respeito às suas escolhas.

## 5. REFERÊNCIAS

BEIRANO. Com a Bíblia na mão somos mais nobres: Calvino na Inquisição. *Assembleia de Deus*. Disponível em: <http://bereiano.blogspot.com.br/2012/07/calvino-na-inquisicao.html>. Acessado em 25.11.2012.

BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 24 out. 2006.

\_\_\_\_\_. Parecer CNE/CP n. 9/2001. *Diretrizes Curriculares para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*. Brasília, 2001. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2012.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte*. Brasília: MEC /SEF, 1998.

GONZAGA, Ana. Keith Swanwick fala sobre o ensino de música nas escolas. *Revista Nova Escola*, No. 229, Jan.-Fev. 2010. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/entrevista-keith-swanwick-sobre-ensino-musica-escolas-instrumento-musical-arte-apreciacao-composicao-529059.shtml>. Acessado em 16.11.2012.

GROSSI, Cristina. “Categorias de respostas na audição da música popular e suas implicações para a percepção musical”. Simpósio Paranaense de Educação Musical, 7., *Anais*, Londrina: Midiograf, p. 37-64, 2000.

KADLUBITSKI e JUNQUEIRA. Cultura e Diversidade Religiosa: diálogo necessário em busca da Fraternidade Universal. *Cultura e Comunidade*, Uberlândia, vol. 5 no. 8, p. 123-139, jul./dez. 2010.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 21 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. Educação Musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem de música. *Revista ABEM*, Porto Alegre, V.10, p. 99-107, março de 2004.

\_\_\_\_\_. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 113-130, dez. 2010.

RECK, André Müller. Comunicação: Educação Musical e Identidades Religiosas: Reflexões sobre o Ensino de Música nas Escolas Públicas e a Música Evangélica. UFSM, Santa Maria – RS, 2009.

SOUZA, Jusamara. Caminhos para a construção de uma nova didática da Música. In: SOUZA, Jusamara (org.). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: *PPG de música*, UFRGS, 2000.